

A tendência do PSDB: não apoiar ninguém.

O PSDB não deve apoiar ninguém no segundo turno. A tendência predominante no partido é deixar eventuais composições a critério de seus membros, enquanto cidadãos. Hoje, os diretórios estaduais estarão recebendo mensagem do presidente nacional, o ex-governador Franco Montoro, pedindo que promovam uma consulta às bases "e levem a posição da militância em cada Estado à reunião que o diretório nacional realizará sábado (dia 25) em Brasília". O encontro decidirá o posicionamento oficial dos tucanos.

Namorado pelo PT, PDT e PRN, o PSDB passa por um momento difícil, conforme admitiu o prefeito de Belo Horizonte, Pimenta da Veiga. Ele nega que a definição ameace a coesão do partido, mas lembra que a própria preservação doutrinária do PSDB dependerá dessa decisão. Também, por extensão, pesa muito a questão do parlamentarismo, regime de governo que consta até do programa partidário dos tucanos (ao contrário do que pensam Lula, Brizola e Collor, todos presidencialistas).

Mas o senador Fernando Henrique Cardoso (SP) — que participou ontem de uma reunião informal com vários membros de diretórios na capital paulista — tranquilizou: "É importante dizer que no segundo turno teremos um candidato conservador (Fernando Collor de Mello) e outro progressista. Nós, do PSDB, somos um partido de centro-esquerda e não daremos o golpe do parlamentarismo. Não, isso nunca. Não daremos o golpe para tentar impedir que o novo presidente governe".

O prefeito Pimenta da Veiga explicou que é contra antecipar já a adoção do parlamentarismo — a não ser que seja via plebiscito (que pela Constituição está previsto para 1993). Para ele, a opi-



Montoro: consultando as bases.



Fernando Henrique: "Não nos cabe a ação".



Arraes (centro), com os líderes da Frente Popular.

nião pública não pode ser excluída da decisão, já que uma antecipação definida apenas pelo Congresso o PSDB não aceita. Nesse impasse, Pimenta da Veiga acha que o caminho pode ser não apoiar ninguém no segundo turno: "Nós não estamos restritos a apoiar candidatos; o partido pode reservar-se numa posição de neutralidade".

Para o candidato Mário Covas, "qualquer conversação em termos de coligação para o segundo turno será mantida pelo partido. Minha posição é pelo fortalecimento do PSDB e, portanto, não vou tomar qualquer posicionamento pessoal. A minha opção será a que o partido adotar". Enquanto aguarda essa definição, o PSDB decidiu (por sugestão de Covas em reunião realizada quinta-feira à noite) que apenas Franco Montoro está autorizado a falar a respeito de coligações.

Indiferente aos argumentos tucanos, o deputado federal Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP), que retornou ontem de Brasília, pretende insistir hoje no namoro com o PSDB com vistas ao segundo turno. Neste fim de semana, Plínio deverá visitar o presidente nacional do partido, Franco

Montoro, e o senador Fernando Henrique Cardoso, para tentar convencê-los das vantagens de uma coligação com o PT.

O problema é que a cúpula do PSDB tem fortes razões para não se interessar pelo "canto da se-reia" do PT, PDT ou PRN. A primeira é de ordem ideológica: os tucanos acham que nenhum dos partidos que disputam o segundo turno tem programa que se aproxime do que norteia o PSDB. A segunda é de ordem prática: alguns membros da direção do partido entendem que "temos um candidato pronto para o governo de São Paulo, que é o senador Mário Covas. E qualquer acordo, principalmente com o PT, seria entregar de mão beijada, àquela agremiação, a eleição do ano que vem". Por enquanto, Covas nem quer ouvir falar nisso.

O senador José Richa (que também participou da reunião de quinta-feira) disse ontem em Curitiba não acreditar num racha do PSDB no segundo turno, caso o partido decida liberar seus integrantes para apoiarem livremente qualquer candidato. "Vamos marchar unidos", disse, defendendo uma posição de "neutralidade", com o partido mantendo

sua postura de "distanciamento" dos dois candidatos finalistas. Na futura administração federal, segundo Richa, o PSDB "pode até colaborar", mas não terá nenhuma participação no governo, rejeitando cargos: "Vamos nos manter independentes", disse, confirmando as declarações dadas em São Paulo por Fernando Henrique Cardoso:

— Não queremos cargos, somos um partido novo, responsável, que discutirá questões programáticas. Não ganhamos a eleição, portanto não nos cabe a ação. Estamos aguardando a definição para o segundo turno — disse Fernando Henrique.

A preocupação é mesmo manter a unidade partidária em torno de Mário Covas, como destacou o ex-prefeito de Campinas, José Roberto Magalhães Teixeira, membro da executiva nacional do partido. Segundo ele, a intenção dos tucanos é estabelecer um programa mínimo através de consultas aos militantes e realizar uma prévia para decidir se apoia uma candidatura ou fica fora da disputa. Antes da reunião de sábado estão marcados encontros da executiva nacional (na terça) e da bancada federal (quinta) — todas em Brasília.